

Meu nome é Zé Ninguém

Jéfte Sinistro

Morro todos os dias
antes das cinco da manhã.
Mastigo a velhice do pão
sem manteiga
e bebo da amargura do café
sem açúcar
que flutuam sobre a mesa
empoeirada.
E saio ao campo de batalha
que há de velar a glória
de minhas mãos *enxadas*.
Meu nome é Zé Ninguém.

Corro todos os dias
após as sete da noite.
Subo e desço ladeiras
armadas
e biscateio detalhes
enfadonhos
de meu roteiro suburbano,
desumano,
e saio às ruas
em protestos
que hão de marcar o triunfo
de minha barriga vazia.

Meu nome é Zé Ninguém.

Acordo todos os dias
com o sol em minha janela
dum décimo quinto andar
singelo,
e corro até meu carro
importado
que me leva ao meu escritório
climatizado,
onde me debruço
sobre uma mesa
que conforta os rascunhos
de minha caneta *monblanc*.
Meu nome é Zé Ninguém.

Renasço todos os dias
sem muito ânimo para desfrutar
das novidades de minha rotina
abençoada
até que se embriaguem os meus olhos,
de sentimentos
que palpitam em minha mente
irresponsável.
E, assim, sigo
semeando idéias abstratas
em ouvidos que guardam, ou não,
os devaneios de meu ser (*ser?*).
Meu nome é Zé Ninguém.

- *A todos os cavaleiros sem nome e sem endereço (incluindo a mim mesmo).*

(Jéfte Sinistro)

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/meu-nome-e-ze-ninguem>